

**5ª PARTE**

---

# **Discursos**

## Joel Linhares: filólogo, orador e poeta

*Linhares Filho*

Agradeço a minha amiga, Acadêmica Angela Gutiérrez, Diretora Cultural desta Academia, o honroso convite para aqui falar sobre um assunto acadêmico e particularmente pela sugestão do motivo que transformo em tema, pensado aquele pela sensibilidade fraterna e pela intuição de criadora da coleção.

Embora possa gerar suspeita o fato de ser feito por um sobrinho de Joel Linhares o estudo crítico da pequena produção literária desse filólogo, bem como o fato de ser pelo parente apresentada a focalização de sua personalidade humana, comprometo-me a revestir-me, o mais possível, de imparcialidade crítica, contrabalançando com isso o natural e inevitável sentimento de afeição por essa figura.

Nasceu Joel de Lima Linhares em Lavras da Mangabeira, no dia 30 de agosto de 1895 e faleceu a 22 de fevereiro de 1979, com 74 anos incompletos. Era filho de Firmino Gonçalves Linhares, proprietário da *Farmácia Linhares*, e de Da. Ana Ubaldina de Lima Linhares. Foram seus irmãos, nascidos do primeiro casamento de seu pai, com Da. Josefa de Castro Filgueiras Linhares, o farmacêutico José Gonçalves Linhares, meu pai, formado na primeira turma da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, Josefa, João e Raimundo. Foram seus irmãos, provindos do segundo matrimônio de seu genitor, Josaphat e Isabel; aquele, economista, professor e conferencista, antigo membro desta Academia, a quem sucedi, com muita honra, na Cadeira 30, patroneada por Raimundo Antônio da Rocha Lima. Casou-se Joel Linhares com a Sra. Raimunda Pinto de Paula Linhares, conhecida familiarmente pelo hipocorístico de Mundoca, exemplo de dedicação e respeito ao marido.

Não houve filhos de seu casamento, mas o casal adotou uma menina como filha, Neusa Linhares, que, após o falecimento dos pais, confiou-me as composições literárias de Joel.

Havendo estudado Joel Linhares no *Colégio Santo Antônio*, em Canindé, teve aí como companheiros, entre outros, o próprio irmão Josaphat, o poeta Sidney Neto, o radialista José Lima Verde e o meu sogro, Antônio Duarte Cassundé, depois Professor da *Sociedade Musical Henrique Jorge*. Coursou o Seminário Arquidiocesano de Fortaleza até o 2º. Ano de Teologia, dali saindo em 1916.

Bacharelou-se em Direito, concluindo o curso em 1933. Exerceu o cargo, em comissão, de Diretor Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e da Justiça.

Não deixando editado nenhum livro, publicou esparsamente discursos e alguns poemas, sabendo-se que escreveu um romance que permaneceu inédito junto com uma Gramática Portuguesa e Pontos de Filologia Românica, trabalhos que possivelmente se extraviaram.

O Prof. Hélio Melo, que escreveu, em 1983, uma lúcida monografia intitulada *Joel Linhares, Mestre do Idioma*, focalizando a personalidade intelectual e humana desse seu amigo, afirma aí haver tido em mão os originais, em manuscrito, dessa gramática e concluiu que, deixando Joel de publicá-la, “é possível que tenha sido severo consigo mesmo, subestimando seu próprio valor.” De minha parte, testemunho-lhe o perfeccionismo, razão por que entendo não haver-se decidido a editar nada em livro.

Nesta Academia, teve assento na Cadeira no. 16, de que é Patrono Franklin Távora, ocupada antes por Leonardo Mota, depois de Joel por Newton Gonçalves e atualmente pela confreira Maria Beatriz Rosário de Alcântara. Registra-se sempre a participação de Joel Linhares no esforço com que, em 1951, se fundiram as duas entidades acadêmicas existentes no Ceará. Pela Academia Cearense de Letras trabalharam com o intuito unificador, como se sabe, Dolor Barreira, Clodoaldo Pinto e Joel Linhares; pela Academia de Letras do Ceará, Henriqueta Galeno, Manoel Albano Amora e Perboyre e Silva.

Joel Linhares foi sobretudo filólogo, externando os conhecimentos que possuía no âmbito da Filologia Românica como professor universitário e professor de Português em diversos estabelecimentos de

ensino de Fortaleza. Além disso, foi professor de canto gregoriano, orador de fama e poeta bissexto.

De sua verve de filólogo dá-nos conta o seu trabalho intitulado “Sinclitismo Pronominal”, publicado por Raimundo Girão na sua *Antologia Cearense*, escrito filológico esse que prima pela profundidade, objetividade e elegância estilística.

Vários intelectuais de renome pronunciaram-se sobre a personalidade em foco, destacando-lhe o preparo intelectual e o saber de mestre como Hélio Melo, Moreira Campos, Raimundo Girão, Sâncio de Azevedo, Newton Gonçalves e José Alves Fernandes.

Sublinho opiniões de Hélio Melo: “Conceituoso no falar e no escrever, por isso mesmo era breve e conciso. Em tudo que dizia ou escrevia, ia ao fulcro da questão, sem se ater a generalidades.” [...] “Homem que gozava, como filólogo, de merecida reputação, dedicou-se de corpo e alma à Filologia de que era um dos corifeus em nossa terra”.

Reproduzo depoimento de mestre Moreira Campos, retirado do belo e equilibrado discurso, com que me saudou quando do meu ingresso nesta Casa:

“A vós caberá certamente a tarefa de traçar o perfil e a atuação de Josaphat Linhares, como de praxe. Valho-me, entretanto, do ensejo que se me apresenta para registrar neste instante o preito de minha saudade, admiração e reconhecimento ao meu Mestre e amigo Joel de Lima Linhares. Adolescente, ainda por concluir o curso secundário iniciado no Liceu, servi por vários anos sob a sua direção na Secretaria do Interior e da Justiça. Com ele aprendi muito, desde aquela postura de humanista lúcido diante da vida (ele detestava as atitudes e as palavras inúteis), capaz de garantir ao homem a captação de essencialidades, ao trato digno do vernáculo, de que era um vigilante, mais como filólogo e estilista do que como gramático caturra. Um dos melhores professores de português dos nossos educandários, catedrático de Filologia Românica, por isso mesmo, seguro conhecedor do latim e do francês, poeta também o foi e orador de recursos.

A ele, o meu respeito e a minha gratidão.”

Mas é como poeta que desejo focalizar mais detidamente a figura de Joel Linhares. Cerca de dezesseis poemas seus encontrei assinados por ele nos seus alfarrábios, prevalecendo entre eles o metro alexandrino e a forma fixa de soneto.

Além do poema antológico *Invocation*, que Raimundo Girão publicou também na sua *Antologia Cearense*, citem-se os seguintes: “Furacão”; “Ânsia de Amar”; “O Cururu”; “Quando Eu Te Vi e Amei”; “Soneto”; *Magna Pecatrix*; “À Minha Mãe”; “Oração de Elisinha”; “A Nossa Senhora”; “Profissão de Fé”; “Ao Patrono do Exército”; “Visita ao Papai-Noel”; “Se Eu Visse a Rosa Sozinha”; “Dança a Ciranda, Menina” e “Que Nos Falta Desta Vida”. Pelos títulos, verifica-se que a temática poética do autor é bastante variada, havendo ele explorado temas que vão do lírico-amoroso ao crítico e ao místico.

Em geral, os poemas são perfeitos quanto à fôrma, que é neoparnasiana. Os mais belos e, portanto, poéticos, são aqueles cujo sentimento romântico se disciplina por uma circunspeção neoparnasiana ou os que transmitem o vendaval de um lirismo passional numa fôrma bem cuidada, enquadrando-se nesta classificação os poemas “Invocation”, “Furacão” e “Ânsia de Amar”.

A imensidão turbilhonante do amor insatisfeito expressa-se muito bem na poesia de quem declara – *Mon coeur, plus que le monde et que tout, est immense!* ... – e de quem, de modo indireto, impessoal, mas lírico debaixo de máscara, acha-se mais obstinado carnalmente que a força de um “Furacão”, senão vejamos estes versos do poema sob esse título:

Rumorejando ao longe, a pouco e pouco, cresce,  
Horrendo e estrondoso, o sopro do tufão...  
E, na onda arrasadora, até se vai a messe  
Em poeira verdejante, esparsa, pelo chão.

A velha árvore tomba... enfim, tudo perece...  
Na terra, em poeira e pó, não fica um corpo são:  
É tudo ruína e tudo, em desolada prece,  
Recorre à Calmaria e odeia o Furacão!

Mas o tufão investe inda outra vez, alado,  
Em volúpia voraz, voando floresta em fora,  
Num último estertor de amante saciado!...

Acalma-se depois e, aos poucos, morre langue...  
- Só não cessa a volúpia ardente que devora  
A incontentada carne e o revoltado sangue...

O desejo indefinido e violento, sem endereço certo, sublinha-se e valoriza-se na ênfase anafórica do sintagma exclamativo com elipse verbal e tom interjectivo - “Ânsia de amar!”, repetido com variações no poema com esse título e composto de sete estrofes de versos alexandrinos, sendo assim a última:

Ânsia de amar! – Em febre a mente tenho inteira!  
E eu sinto que o meu sangue, aos poucos, se acelera,  
Na expectativa vã, na esperança fagueira  
De que há, no mundo, alguém, que me deseja e espera!...

No bom poema “O Cururu”, sente-se que o autor, sob o recorte neoparnasiano, oculta-se na segunda pessoa do discurso, sugerindo desdenhosamente uma comparação de si mesmo com o sapo.

Em *Magna Peccatrix*, outra notável produção, ainda que possa ser repugnante ao sentimento religioso, trata o poeta de um possivelmente sugerido amor profano entre Jesus e Madalena, assunto explorado por ímpios antes e depois de Joel. Pelo tom pessoal com que se versa o tema, recriando-se o episódio bíblico sobretudo na concepção ambígua entre o amor espiritual e o pecaminoso, convém ler os versos de tal poema:

## Magna Peccatrix

Invade os corações uma ânsia indefinita!  
É a tarde... No horizonte a natureza doura  
O sol agonizante e à tristeza concita  
A toda criatura essa hora inspiradora.

Ouve-se, ao longe, a voz de Lázaro que incita  
Aos seus redis a grei. E, enquanto a lidadora  
Marta da casa cuida e o bom Jesus medita,  
Prosterna-se a fitá-lo a Magna Pecadora.

Quando a censura a irmã, Jesus vendo-a tão meiga,  
- Ela que de o adorar, humilde, se não farta,  
Lhe justifica n'alma a fé que se lhe arreiga.

É que, se o divo Mestre a perfeição ordena,  
À virtude e ao labor da infatigável Marta  
Prefere o grande e excelso amor de Magdalena!

“Quando Eu Te Vi e Amei” registra uma paixão surgida “mais tarde” em relação a um primeiro tempo de conhecimento de uma mulher. Pelo mal secreto dessa paixão perturbadora, misto de vida e morte, pelos tons fantasiosos confessados, com os quais o poeta alimenta o desejo, pela ocultação dorida do sentimento, a lembrar, se bem que levemente, o célebre “Soneto de Arvers”, leiamos essa página para uma degustação de estesia:

## Quando Te Vi e Amei

Muitas vezes te olhei sem que nada sentisse!  
Meu coração andava ansiando amar alguém.  
Com toda essa paixão, com toda essa meiguice,  
Uma mulher ardente a quem eu quisesse bem!...

Só mais tarde te vi – sublime esquisitice!  
Surge o amor... e a paixão mais louca sobrevém,  
Como nunca pensei! Como nunca te disse!  
Que, se a vida me traz, dá-me a morte também!...

Na minha solidão, nos meus tristes caminhos,  
Tua imagem querida eu via em toda parte:  
- Eu e Tu! num deserto... erradios, sozinhos...

Mas, se o teu coração me atraísse ao teu lado,  
Tu terias, como eu, nos desmaios de amar-te,  
- As doçuras do amor no prazer do pecado!...

A delicadeza do sentimento filial, envolvendo aquela que, com sacrifícios ingentes, lutou para educar os filhos depois da morte prematura do marido, Ana Ubaldina de Lima Linhares, estampa-se no soneto “À Minha Mãe”, aureolado com um misticismo que espiritualiza o sorriso e o pranto dessa especial mulher:

### **À Minha Mãe**

Tu, que a vida me deste e, entre risos, me crias,  
E me fazes feliz, ó minha Mãe, na terra,  
Hoje, que é o dia teu, de santas alegrias,  
Recebe o coração, que o teu amor encerra!...

Quando triste e dolente, acaso, tu me vias,  
Premida pela dor, que a todos nos aterra,  
Foste tu, minha Mãe, quem, terna, nesses dias,  
Me deu amparo e o amor, que os soluços desterra!...

Amo-te, assim, Mamãe, mais que a vida e que tudo,  
E quanto mais te estimo e te amo e te venero,  
Eu sinto que o meu ser em gratidão transmudo...



Porque, sorrindo, és anjo e és santa, quando choras,  
E, em teu pranto e sorriso, ao Deus piedoso e vero,  
Minha ventura, eu sei, que, súplice, Lhe imploras!...

E, para terminar as citações dos versos do poeta em causa, a leveza pictórica e idílica do poema “Que Nos Falta Desta Vida”, composto em redondilhas, com uma simplicidade apreciável e até com certos timbres modernos, com rimas oxítonas, que se repetem em epífora, ao longo do poema, transmitindo-lhe uma musicalidade que casa bem com o sensorial de alguns versos e com a felicidade sensual e exultante que se descreve. Das cinco reticências usadas nas seis estrofes para suscitar uma reflexão subjetiva do leitor que afine com a subjetividade do poeta, sobressaem as que se apõem ao último sintagma do poema – “Eu e tu ...” – expressão que, com valor interjectivo, isolada sintaticamente, reveste-se da maior força sugestiva e poética pela efetiva suspensão de sentido. Leiamos o texto:

Que nos falta desta vida,  
Na praia do Pirambu,  
Se temos tudo, querida,  
Se nos temos - eu e tu?

Nunca vi tantos encantos,  
Como os vejo em Pirambu ...  
O mar soluça os seus cantos,  
Nós cantamos - eu e tu.

Negrejam no céu escampo  
Asas negras de urubu ...  
E logo um beijo te estampo  
Na boca cor de urucu ...

Além na duna gargalha  
O som de um maracatu ...  
Na nossa casa de palha,  
Quanto beijo em Pirambu.

Dos que sofrem tenho pena,  
Nesta paz do Pirambu,  
Só quem não vibra, pequena,  
Não ama como eu e tu.

Deus nos olha lá de cima,  
Neste céu do Pirambu.  
E, enquanto findo esta rima,  
Nos abençoa. Eu e tu ...

A mais antiga produção de Joel Linhares entre aquelas colhidas do seu pequeno espólio literário, e que trazem data, é de 1931 e intitula-se “A Nossa Senhora”; a mais nova traz a data de 1974 e denomina-se “Quando Eu Te Vi e Amei”, sendo escrita cinco anos antes de sua morte.

A poesia de Joel Linhares constitui-se num documentário suprarreal mas fiel das suas crenças, reações psicológicas, atitudes; do seu espírito conflituoso, contraditório. Admito que o autor, em vários passos, consegue realizar-se poeticamente, exprimindo a contento a sua própria verdade humana, que mais consiste na dicotomia: a regra moral e religiosa de um lado e, do outro, o apelo da “incontentada carne”, a clamar *Pour les liens de l'Amour, pour le ciel de tes Charmes!*...

Mas não me posso furtar, em conclusão, à leitura dos versos com que homenageei a Joel Linhares no ensejo do seu centenário, porque com eles procuro visualizar aspectos de sua biografia, a essência de sua personalidade humana de cidadão com suas falhas e virtudes; de professor, de mestre do idioma, de intelectual e familiar, acolhedor dos seus parentes:

## A Joel Linhares centenário

*Mon coeur, plus que le monde et que tout, est immense!...*

JOEL LINHARES. "Invocation".

Teu coração mais que o mundo  
e mais que tudo era imenso!...  
Por isso, quando em ti penso,  
o meu pesar é profundo:  
relembro a insatisfação  
de tua ânsia de amar,  
em ti louco furacão,  
carência sempre a buscar  
alívio para a paixão.  
Não cumpriste plenamente  
a missão própria da vida  
apesar da distinguida  
chama do peito e da mente.  
Mestre do idioma e poeta,  
eis tua contradição:  
de um lado, arroubos de asceta  
e, do outro, a fornicção.  
Porque as forças não te domem  
o instinto, tens por certeza:  
a polígamo todo homem  
tende pela natureza.  
Recordo os dias passados  
de Capuã junto à lagoa.  
Entre os mergulhos, os nados,  
algo o teu imo magoa,  
mas finges que a vida é boa.  
Pensante, o espírito voa:  
conselhos, críticas, versos

e lições nos transmitias  
sobre temas bem diversos.  
Dentre os muitos que sabias -,  
dor da injustiça e da fome  
em que a massa se consome -  
esse, um dos que preferias.  
E a cada um do teu clã  
grande afeto distribuías  
na chácara de Capuã.  
À comoção inclinado,  
da vida afeito ao encanto,  
hás de sempre ser lembrado  
por teu riso e por teu pranto.  
Com as pessoas compassivo;  
no trabalho teu, ativo  
e exigente, sem cansaço.  
Refletias este traço  
na perfeição do cursivo.  
Li nas lágrimas vertidas  
por ti, em tua hora extrema,  
como se o último poema,  
que não chegaste a escrever,  
o anseio por outras vidas  
em que já pudesses ser  
melhor criatura e cristão.  
Li sincera contrição  
de quem Deus queria ver  
e o desejo vão, mas sério  
de -, com os frutos só sabor  
do diuturno magistério,  
exercido com fervor -,  
deixares algo mais denso,  
condizente com o imenso

potencial do teu pendor.  
Muito ativo no saber  
também no trabalho honesto  
foste, e busco-te entender  
na homenagem que ora presto  
ao disponível amor  
desse coração tão vasto,  
como ao teu ilustre rasto  
de mestre, poeta e retor.